

Práticas comuns, experiências particulares.

Andrea Vanessa Borges Oliveira;¹
Ronaldo de Oliveira Corrêa;²

Resumo:

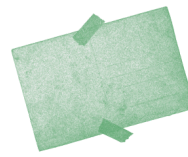
Este artigo evidencia a caminhada como meio para a mobilização de contranarrativas afrocentradas em roteiros histórico-turísticos na cidade de Curitiba. Nessa prática, que revolve a história das cidades ao caminhar, a materialidade do espaço atua como suporte para indicar tanto as presenças subalternizadas quanto aquelas fixadas em posições centrais nas narrativas hegemônicas sobre as cidades brasileiras. Tendo isso em vista, este trabalho tem como objetivo apresentar o imbricamento entre a ação do caminhar e a apropriação de artefatos urbanos na produção das contranarrativas que constituem a prática espacial realizada nos roteiros histórico-turísticos afrocentrados de Curitiba. Como procedimento metodológico, adotou-se a Pesquisa Documental e a Observação Participante, ambas realizadas nos percursos dos projetos Linha Preta e Entre Passos e História: Percurso Afro Curitiba. A apropriação dos artefatos urbanos pelas pessoas que guiam e participam dos percursos afrocentrados acrescenta novas camadas ao palimpsesto urbano, ao revolver a história dominante e entrelaçá-la as memórias da população negra. Nessa dinâmica, a paisagem urbana da cidade é produzida nos deslocamentos das caminhadas propostas nos roteiros. Por meio da vivência dos percursos dos projetos Linha Preta e Entre Passos e História: Percurso Afro Curitiba, observou-se como a prática da caminhada, articulada às contranarrativas afrocentradas, possibilita novas perspectivas e estabelece relações entre diferentes agentes sociais que tensionam e articulam as histórias das cidades.

Palavras-chave:

Caminhada; contranarrativa; memória da população negra; cultura material; historiografia do design.

¹ Doutoranda da linha de pesquisa Teoria e História do Design, no Programa de Pós-Graduação em Design da UFPR; Universidade Federal do Paraná; andreaoliveira@ufpr.br

² Prof. Dr. no Departamento de Design e do Programa de Pós-Graduação da UFPR e professor do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da UTFPR; Universidade Federal do Paraná; rcorre@ufpr.br



1. Introdução

Las ciudades son libros
que se leen con los pies³.
(Quintin Cabrera, 1995)

No gesto ritmado dos pés, nas diferentes superfícies que suportam a paisagem urbana, reside a prática que reorganiza e coloca em circulação as diferentes camadas de tempo que moldam a história dos espaços urbanos. As relações estabelecidas com a materialidade dos lugares, na ação ordinária e cotidiana de caminhar, têm a perspectiva do pedestre como guia na vivência das paisagens urbanas. A partir desse ponto de vista, alguns coletivos dedicados à reivindicação e à preservação da memória da população negra⁴ apropriam-se das ruas para praticar a caminhada como tática que articula e subverte a leitura hegemônica da historiografia das cidades. A caminhada proposta pelos roteiros histórico-turísticos afrocentrados, organizada por esses coletivos, mobiliza outros modos de operar o espaço em seus desvios, suas pausas e ruídos (Certeau, 2014).

Diferente da caminhada solitária, exercício individual e introspectivo de imersão em paisagens naturais exaltada por filósofos e literatos (Gros, 2021), da deambulação urbana do *flâneur*⁵ e da deriva praticada pelos caminhantes do movimento situacionista⁶ (Gros, 2021, Veloso, 2017), a caminhada em grupo proposta por projetos como Linha Preta e Entre Passos e História: Percurso Afro Curitiba produz novas possibilidades de leitura para o espaço urbano ao revolver a narrativa hegemônica das cidades e se [re]apropriar de lugares e artefatos urbanos para apresentar suas contranarrativas (Hall, 2003; 2022). Essa prática torna legíveis memórias e presenças que foram subalternizadas nos processos de formação econômica, social e cultural do país. Nesse contexto, tornar legível o passado implica a ação de destacar e articular as singularidades das versões afrocentradas na complexidade dos movimentos dinâmicos de suas relações e contextos (Didi-Huberman, 2018).

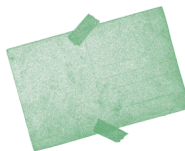
No Brasil, a mobilização em torno das disputas pela narrativa histórica da produção do espaço urbano (Lefebvre, 2006; Santos, 1978) tem entre seus articuladores, projetos coletivos centrados na reivindicação e preservação da memória da população negra. Estruturados por pessoas distribuídas em diferentes tipos de associações e cidades brasileiras, esses coletivos têm como objetivo mapear e apresentar lugares de memória por meio de roteiros histórico-turísticos. Mediante esses roteiros, são evidenciadas as narrativas históricas dominantes e as memórias da população negra que coexistem nas cidades. A busca por reconhecimento e valorização da memória de pessoas negras no processo de construção do país está assentada na trajetória de luta e resistência dos Movimentos Sociais Negros no Brasil. Um movimento heterogêneo que tem na luta antirracista seu ponto de convergência.

³ Excerto da música *Las Ciudades son Libros* (1995), do compositor uruguaio Quintin Cabrera. Fonte: https://www.adolfoceldran.com/audio/Las_Ciudades_son_Libros.html

⁴ Segundo dados da plataforma de afroturismo Guia Negro, existem roteiros históricos afrocentrados na maioria das cidades brasileiras, alguns deles estão mapeados na reportagem de Marcelle Souza. Fontes: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/grupos-trazem-a-frente-narrativas-negras-apagadas-das-cidades-brasileiras/#page> e <https://www.instagram.com/p/DKzhN6fRAzw/>

⁵ O termo *flâneur* designa a pessoa que caminha anonimamente sem um destino em particular, no fluxo intenso do cotidiano moderno, observando a multidão em seus deslocamentos urbanos (Gros, 2021).

⁶ O movimento situacionista propunha uma crítica ao capitalismo combinando marxismo e surrealismo. Buscavam romper a separação entre artistas e consumidores e integrar a produção cultural ao cotidiano. Fonte: <https://www.tate.org.uk/art/art-terms/s/situationist-international>



Ao utilizar a rua como espaço de disputa e visibilidade política, os coletivos que organizam os roteiros histórico-turísticos afrocentrados se aproximam das marchas de mobilização e protesto realizadas pelos Movimentos Sociais Negros brasileiros desde o início da década de 1970 (Rios, 2012). Do Ato Público de Fundação do Movimento Negro Unificado⁷ (1978), nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, à Marcha das Mulheres Negras por Reparação e Bem Viver⁸ (2025), em Brasília, o uso do espaço público é prática comum na busca por tornar visíveis as pautas antirracistas dos movimentos negros. A prática do antirracismo está presente no engajamento contra a desigualdade e a violência sistêmica (Gonzales, 2020), em todas as suas formas, bem como na busca por reparação histórica (Alves, 2024).

No contexto dos coletivos afrocentrados, uma das formas de reparação é o reconhecimento dos saberes, das práticas espaciais, das formas de expressão e do trabalho de pessoas negras nos mais diversos setores. Ao acionar essa memória da presença de pessoas negras em roteiros histórico-turísticos, esses grupos, de forma consciente ou não, ressaltam as relações de poder materializadas tanto no patrimônio edificado quanto nos lugares de memória afrocentrada das cidades (Nora, 1993).

Figura 1 – Início do roteiro Linha Preta, Ruínas do São Francisco, Curitiba-PR.



Fonte: Guia negro, 2024.

Em suas práticas espaciais os percursos Linha Preta e Entre Passos e História: Percurso Afro Curitiba se apropriam da materialidade dos lugares para revolver as camadas da história e

⁷ O MNU, inicialmente conhecido como Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial, é uma organização política negra que atua na luta antirracista, reivindicando igualdade racial, direitos sociais e políticas públicas voltadas para a população negra (Rios, 2012).

⁸ A Marcha das Mulheres Negras por Reparação e Bem Viver é um movimento político e social, composto majoritariamente por mulheres negras, que luta contra o racismo, o sexismo, a violência e a desigualdade reivindicando justiça e reparação histórica para mulheres negras. Fonte: <https://marchadasmulheresnegras.com.br/>



entrelaçá-las às memórias da população negra da cidade. O mapeamento das iniciativas situadas na cidade de Curitiba, assim como de suas práticas, ocorreu por meio de pesquisa documental realizada nas plataformas de comunicação dessas organizações coletivas. Além disso, foram realizadas observações participantes nos dois roteiros afrocentrados que fazem parte do escopo de uma pesquisa de mestrado (Oliveira, 2025), que tem como objetivo central compreender como a população negra é representada (Hall, 2016) nos roteiros histórico-turísticos da cidade de Curitiba.

2. Deslocamento como prática coletiva

Em nossos deslocamentos cotidianos, imersos no ir e vir de nossas rotinas, raramente percebemos a miríade de artefatos que nos cercam e compõem a materialidade da história esculpida em “pedra e cal”⁹ e sua relação com a memória efêmera de nossas práticas sociais. A materialização do tempo em lugares e seus elementos simbólicos, naturais e edificados, é parte da produção histórica das cidades. A escrita dessa história, com seus mitos fundacionais e personagens de destaque, obedece a padrões complexos de aproximação e repulsa, nos quais elementos do passado são destacados e omitidos (Rolnik, 2004; Hall, 2022). No encontro entre uma história construída na homogeneidade das narrativas oficiais e as memórias de populações, que foram subalternizadas¹⁰ nesse processo, os contrastes são evidenciados, e a cidade é produzida em meio às disputas das práticas cotidianas (Certeau, 2014).

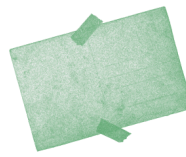
Os caminhantes dos roteiros afrocentrados, em seus movimentos coletivos pelo espaço urbano, tensionam as histórias ancoradas em políticas de branqueamento implementadas no Brasil em diferentes momentos de sua história (Gonzalez, Hasenbalg, 1982; Moura, 1992; Munanga, 1999; Nascimento, 2016; Schwarcz, 1993). Essa forma de construção do poder político, econômico e cultural deixou ramificações por todo o território brasileiro, inclusive no estado do Paraná e na cidade de Curitiba. A caminhada realizada nas calçadas do *petit pavê* da capital paranaense revela uma história construída a partir da ideia de identidade regional centrada nos processos de imigração de uma população “branca e europeia” (Mendonça, 2016). Essa narrativa hegemônica contribuiu para o apagamento de populações subalternizadas nesse processo. A produção dessa identidade, paranaense e curitibana, foi forjada nas teorias raciais, eugenistas e racistas do final do século XIX e início do século XX, tendo como expoente local o Movimento Paranista (Mendonça, 2016).

Ao expor e criticar essa narrativa em seus percursos, os projetos Linha Preta e Entre Passos e História: Percurso Afro Curitiba, apresentam uma leitura de cidade que, revela essa construção ao mesmo tempo em que indica a presença e a relevância da participação de pessoas negras na produção do espaço urbano de Curitiba. A indicação dessa contranarrativa afrocentrada tem como suporte os artefatos urbanos mapeados pelos dois projetos. A materialidade (Miller, 1987) desse conjunto de artefatos utilizados pelos roteiros histórico-turísticos afrocentrados torna visível a presença da população negra em Curitiba. Ao serem acionados na vivência das caminhadas, estabelecem as dinâmicas de aproximação e distanciamento na produção da paisagem urbana da cidade (Santos, 2012).

Figura 2 – Início do roteiro Entre Passos e História: Percurso Afro Curitiba, Ruínas do São Francisco, Curitiba-PR.

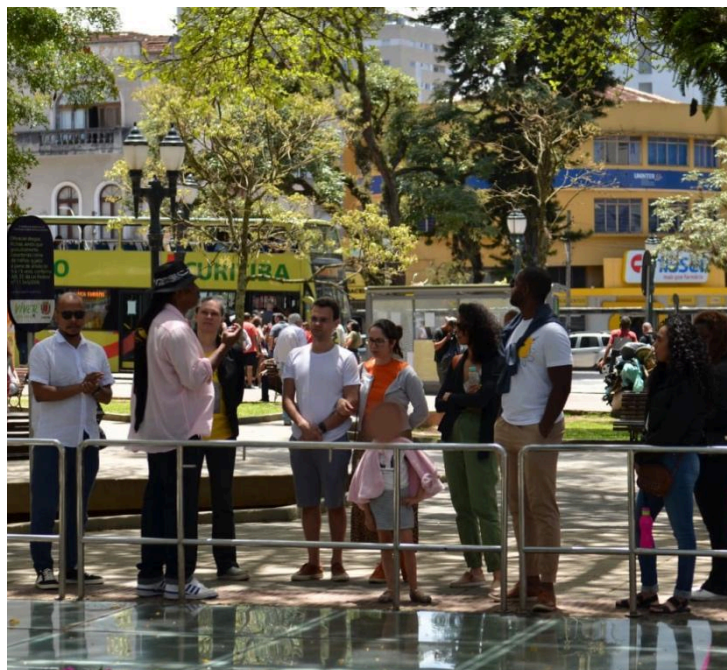
⁹ Expressão utilizada para qualificar o patrimônio edificado com ênfase nas “dimensões artísticas ou arquitetônicas clássicas das produções culturais, o chamado ‘patrimônio de pedra e cal’” (Cavalcanti, 2019, p. 54).

¹⁰ Neste ensaio entende-se por grupos marginalizados a população negra, indígena, cigana, LGBTQIAPN+ e demais pessoas “à margem da produção de capital que direciona estruturas urbanas” (Amparo, 2020, p.93).



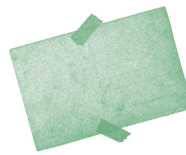
Fonte: SISMMAC, 2024.

Figura 3 –Praça Tiradentes, Linha Preta, Curitiba-PR.



Fonte: Informativo Humaitá, 2025.

A denominação dos roteiros como “histórico-turístico” tem a função de descrevê-los em relação tanto à história quanto ao turismo, características comuns a essa modalidade de percurso urbano, evidenciando a intersecção entre os dois campos de conhecimento, suas disputas e legitimações. Enquanto prática espacial, os roteiros histórico-turísticos proporcionam a vivência do espaço urbano com base em diferentes enfoques temáticos, como no caso dos roteiros afrocentrados



Cartografia Negra (SP), Salvador Negra (BA), Circuito Histórico e Arqueológico da Pequena África (RJ) e Museu do Percurso do Negro (RS). Em seus deslocamentos pelo espaço urbano, delineiam as manchas de sociabilidade demarcadas pela linha que conecta os lugares de memória em seus trajetos (Magnani, 2014). No interior dessas manchas, concentra-se um conjunto de locais, como as sociedades operárias do pré e pós-abolição da escravidão, que visibilizam o papel do ativismo negro na luta por melhores condições de trabalho e pelo direito ao lazer no espaço urbano de Curitiba (Hoshino, Freitas, Pacheco, 2020).

Figura 4 – Sociedade Operária Beneficente 13 de maio, Roteiro Entre Passos e História: Percurso Afro Curitiba, Curitiba-PR.



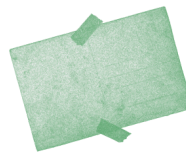
Fonte: SISMMAC, 2025b.

A partir da vivência dos roteiros, na prática metodológica da observação participante, pudemos descrever os modos como os projetos Linha Preta e Entre Passos e História: Percurso Afro Curitiba acionam as narrativas sobre os lugares de memória negra no decorrer de seus trajetos. O ponto em comum nessa prática espacial negra (Silva, 2022) é a forma como os percursos são realizados, sempre por meio de caminhadas, geralmente localizadas no centro da cidade de Curitiba. Já suas diferenças ficam evidentes no modo como se apropriam de artefatos urbanos, como esculturas, ruas, praças públicas e lugares onde o sagrado se materializa em árvores¹¹, assim como de documentos históricos e imagens iconográficas.

Em Curitiba, os roteiros afrocentrados Linha Preta e Entre Passos e história: Percurso Afro Curitiba têm como um dos pontos de seus percursos as Gameleiras Sagradas da Praça Tiradentes. Importantes para as religiões de matriz africana, as cinco árvores estão localizadas na mesma praça onde se encontra o marco zero da cidade (Blum et al., 2018).

Figura 5 – Gameleiras Sagradas da Praça Tiradentes, Curitiba-PR

¹¹ Fonte: <https://www.plural.jor.br/macumba-em-curitiba-raizes-historicas-das-religoes-de-matriz-africana/>



Fonte: Portal de notícias Plural / Foto: Dalton Dien Aiyrasí

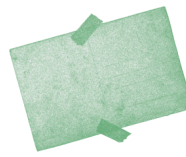
Acionar as pesquisas sobre a cultura material como instrumento para analisar os artefatos urbanos propicia a compreensão de “suas interações com a sociedade, da identidade e relações sociais” (Braga et al., 2023, p. 22) estabelecidas no espaço urbano. Na historiografia do design, a ancoragem no entrelaçamento entre os estudos da cultura material e a noção de representação, segundo o teórico cultural Stuart Hall (2016), enriquece a compreensão sobre as narrativas marginalizadas, considerando a análise dos significados fixados por códigos, convenções sociais e práticas compartilhadas em uma mesma cultura. Essa abordagem também permite estabelecer a correlação entre a materialidade dos artefatos e a subjetividade da produção da memória, a partir da contextualização histórica, das influências culturais e das práticas de design ao longo do tempo (Cardoso, 2000; Kaizer, 2024; Miller, 2007).

No contexto deste estudo, esta articulação auxilia na análise das contranarrativas que mobilizam as disputas entre as instituições e os grupos marginalizados em torno da memória do espaço urbano. Outro ponto comum aos dois roteiros afrocentrados de Curitiba é a escultura “Água pro Morro”, do artista curitibano Erbo Stenzel (1911-1980). A obra retrata a escultora, compositora de sambas-enredo e poeta negra Emerenciana (Anita) Cardoso Neves (Dias, 2003), que serviu de modelo para o escultor. Desde a sua inauguração¹², junto à fonte construída em 1996 pela Prefeitura de Curitiba, ficou conhecida pela população apenas pelo apelido pejorativo de “Maria Lata d’Água” (Dias, 2003). A partir da mobilização do movimento feminista negro da cidade¹³, a placa foi modificada e hoje traz o nome de Emerenciana, junto com informações sobre a artista negra.

Figura 6 – Postal de inauguração da fonte (1996)

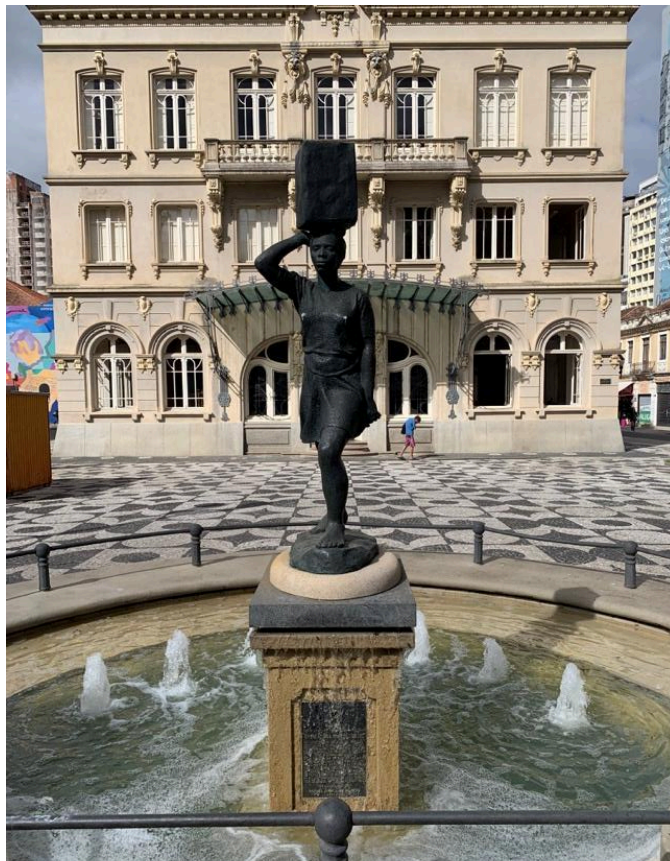
¹² Texto da placa em sua inauguração: “Maria Lata D’água. Fonte edificada pela cidade de Curitiba em maio de 1996 para celebrar a memória do escultor local Erbo Stenzel. 1911-1980. Rafael Greca de Macedo – Prefeito”. Fonte: <https://caroldartora.com.br/projeto-que-resgata-historia-de-artista-negra-avanca-em-curitiba/>

¹³ <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/12/mulheres-negras-pedem-reparacao-historica-a-escultura-no-centro-de-curitiba/>



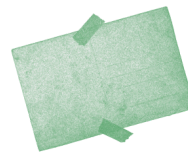
Fonte: Dias (2023, p.48)

Figura 7 – Escultura Água pro morro



Fonte: A autora (2025)

Esse é um dos exemplos articulados na pesquisa (Oliveira, 2025), cujo objetivo é compreender os entrelaçamentos sociais, econômicos, políticos e culturais a partir da perspectiva da cultura material. As relações estabelecidas nos trajetos dos roteiros histórico-turísticos nos ajudam a compreender a complexidade dos processos de produção da história e memória do espaço urbano.



Suas dinâmicas mobilizam tensões, e colocam em relação as narrativas diversas, muitas vezes contrastantes, sobre a formação da cidade de Curitiba.

3. Considerações finais

As descrições das experiências vividas nos percursos afrocentrados, além de materializar a memória das práticas sociais da população negra curitibana, também tornam visíveis as escolhas sobre os recortes de espaço e tempo, as personagens destacadas, e as diferenças nos modos de apropriação do espaço urbano que ambos os percursos praticam (Certeau, 2014). Assim como, essas escolhas explicitam suas filiações institucionais e a forma como transmitem suas contranarrativas tendo o caminhar como meio de circulação.

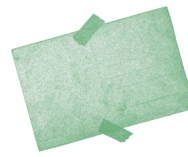
A caminhada coletiva dos roteiros afrocentrados proporciona o movimento disforme do grupo de participantes, em suas dispersões e agrupamentos. Na inércia dos corpos a palavra narrada pelas pessoas que guiam o percurso ganha força. Caminhar pelas calçadas e ruas da cidade propicia momentos nos quais as pequenas intervenções acontecem. Os diálogos dispersos, os esbarrões, a intensidade dos ruídos e os desvios de atenção para a dinâmica do espaço revelam a complexidade da paisagem urbana.

Ao contrastar as narrativas oficiais da historiografia paranaense, com seus personagens e patrimônios materiais, às memórias contadas a partir de relatos, da poesia e da música da capoeira e do jongo, assim como das imagens de pessoas e documentos históricos, essas caminhadas coletivas colocam em prática a montagem (Didi-Huberman, 2018) quando a experiência no espaço urbano é vivida. O deslocamento pela cidade toma a forma de um corpo coletivo, que nos intervalos de seu movimento revisita e contrasta arquivos e memórias em suas singularidades.

Esse gesto deixa visíveis as dinâmicas de suas relações e contextos, tornando legíveis os acontecimentos do passado acionados por esses percursos nas cidades (Didi-Huberman, 2018). É dessa experiência no “agora”, na vivência de um espaço urbano, que surge a “imagem dialética” proposta por Walter Benjamin, um ponto crítico formado no encontro, frágil e luminoso, entre o “Outro” e o “Agora”. É na efemeridade dessa aparição que a imagem se deixa capturar de forma intensa em sua “conhecibilidade” (Didi-Huberman, 2018).

A busca por outras lentes, outros pontos de partida, a partir das contranarrativas (Hall, 2003) apresentadas pelos roteiros histórico-turísticos, desestabiliza o olhar e nos faz reaprender a ver aquilo que nos cerca em nosso cotidiano nas cidades, em nossas ruas, monumentos, praças, árvores. Nesse encontro de uma “prática comum”, o ato corriqueiro do caminhar, com uma “experiência particular” (Certeau, 2014), a ação pedagógica do antirracismo praticada nos desvios de uso dos “fragmentos materiais de sucessivos passados” (Santos, 2012, p. 107), produz-se uma “fenda no visível” (Didi-Huberman, 2018, p. 151) com a capacidade de mudar a posição de um ponto de vista estabelecido.

Combinar o movimento dos corpos na cidade ao movimento provocado pelas contranarrativas afrocentradas, desloca histórias, paisagens e desejos a partir das práticas e vivências do espaço urbano. A abordagem adotada pelos roteiros histórico-turísticos afrocentrados articula, tensiona e coloca em relação os diferentes agentes sociais que produzem as histórias das cidades. O gesto de confrontar o hegemônico e explicitar o invisível presente na construção histórica, produz as montagens que recolocam em cena a presença de pessoas negras nos diferentes lugares e tempos das cidades.



Common practices, unique experiences

Abstract: This article highlights walking as a means of mobilizing Afrocentric counter-narratives in historical-tourist itineraries in the city of Curitiba. In this practice, which revolves around the history of cities while walking, the materiality of space acts as a support to indicate both subalternized presences and those fixed in central positions in hegemonic narratives about Brazilian cities. With this in mind, this work aims to present the intertwining between the action of walking and the appropriation of urban artifacts in the production of counter-narratives that constitute the spatial practice carried out in the Afro-centered historical-tourist itineraries of Curitiba. As a methodological procedure, we adopted Documentary Research and Participant Observation, both carried out in the routes of the Linha Preta and Entre Passos e História: Percurso Afro Curitiba projects. The appropriation of urban artifacts by the people who guide and participate in the Afro-centered routes adds new layers to the urban palimpsest, stirring up the dominant history and intertwining it with the memories of the black population. In this dynamic, the urban landscape of the city is produced in the movements of the walks proposed in the itineraries. Through the experience of the routes of the Linha Preta and Entre Passos e História: Percurso Afro Curitiba projects, it was observed how the practice of walking, articulated with Afrocentric counter-narratives, enables new perspectives and establishes relationships between different social agents that tension and articulate the histories of cities.

Keywords: Walking; counter-narrative; memory of the Black population; material culture; historiography of design.

Referências

ALVES, Filipe. **A trajetória antirracista pela lente da memória negra**. 2024. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/opiniao/2024/11/19/a-trajetoria-antirracista-pelas-lentes-da-memoria-negra>. Acesso em: 7 jul. 2025.

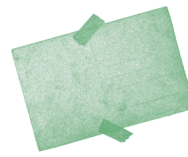
AMPARO, Thiago. **Políticas de liberdade e exclusão na cidade**. IN: Recortes de uma cidade por vir. Edição e organização Cássia Caneco [et al.]. São Paulo: Instituto Pólis, 2020. Disponível em: <https://polis.org.br/publicacoes/recortes-de-uma-cidade-por-vir/>. Acesso em: 25 out. 2024.

BLUM, Caroline; CRUZ, Cassiuz; SANTOS, Brenda; MARTINS, Leticia, MARTINS, Patrícia; MOSCAL, Janaína; ROCHA, Flávio; HOSHINO, Thiago. **Lugares de axé**: notas sobre um inventário de terreiros de candomblé em Curitiba e região Metropolitana. In: BARACHO, Maria Luiza Gonçalves; SUTIL, Marcelo Saldanha (orgs.). *Presença Negra em Curitiba*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2020.

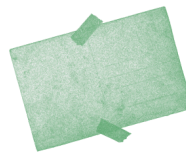
BRAGA, Marcos da Costa; ALVES, Aline Kedma Araujo; GUERRERO, Ana Sofía López; MACHADO, Fernanda Tozzo; PEREIRA, Marcos Paulo do Nascimento. **Aproximações à cultura material**: artefatos, moda e interiores. *Projética*: Londrina, v. 14, n. 2 2023. DOI: 10.5433/2236-2207.2023.v14.n1.48793.

CARDOSO, Rafael. *Uma Introdução à História do Design*. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **A proteção legal do patrimônio**. In: GONÇALVES, Renata de Sá, TAMASO, Izabela, VASSALLO, Simone (orgs.). *A antropologia na esfera pública: patrimônios culturais e museus*. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2019, p.48-80. E-book.



- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: a arte de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- DIAS, N. Memória, esquecimento e cidadania: Resignificando “Água pro Morro”. Revista Vernáculo, n. 51, 2023. DOI: 10.5380/rv.v0i51.87222. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/87222>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Remontagens do tempo sofrido**: o olho da história II. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.
- GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.
- GUIA NEGRO. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C63nmP1r5gB/>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: Ubu Editora, 2021. E-book.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora**. Identidades e Mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2016.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.
- HOSHINO, Thiago de Azevedo Pinheiro; FREITAS, Nei Luiz Moreira de; PACHECO, Carolina Simões. Pela “união dos descendentes da raça africana”: a Sociedade Operária Beneficente 13 de maio e os caminhos da presença negra em Curitiba. In: BARACHO, Maria Luiza Gonçalves; SUTIL, Marcelo Saldanha (orgs.). **Presença Negra em Curitiba**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2020.
- INFORMATIVO HUMAITA. Linha Preta Curitiba. Disponível em: <https://informativocentroculturalhumaita.wordpress.com/2023/01/16/linha-preta-curitiba-3/>. Acesso em: 14 dez. 2025.
- KAIZER, Felipe. **A ideia de cultura material no contexto britânico de pesquisa em design**. Estudos em Design | Revista (online). Rio de Janeiro: v. 32 | n. 3 [2024], p. 96 – 107 | ISSN 1983-196X
- LEFBVRE, Henri. **A Produção do Espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La Production de L’Espace. 4. Ed. Paris: Ed. Anthropos, 2000). Primeira versão: fev. 2006.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **O Circuito**: proposta de delimitação da categoria. Ponto Urbe [Online], v. 15, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2041>. DOI: 10.4000/pontourbe.2041. Acesso em: 19 abr. 2019.
- MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. **Escravidão, africanos e afrodescendentes na “cidade mais europeia do Brasil”**: Identidade, memória e história pública. Revista Tempos Históricos, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 218–240, 2016. Disponível em: <https://tinyurl.com/yx3njvhz>. Acesso em: 9 jul. 2024.
- MILLER, Daniel. **Material Culture and Mass Consumption**. Oxford: Basil Blackwell, 1987, pp 3-18.
- MILLER, Daniel. **Consumo como cultura material**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez. 2007
- MOURA, Clóvis. **História do negro brasileiro**. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1992.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. 1. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. 1 232 p. ISBN 978-85-273-1080-2.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. São Paulo: Projeto História, 1993, p.7-28.



OLIVEIRA, Andrea V. Borges. **A presença da população negra na paisagem urbana: roteiros histórico-turísticos de Curitiba.** 2025. Dissertação (Mestrado em Design) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2025.

RIOS, Flávia. **O protesto negro no Brasil contemporâneo (1978-2010).** Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 85, p.41-79, 2012.

ROLNIK, Raquel. **O que é a cidade.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova.** Hucitec, Edusp, 1978.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço.** São Paulo, Edusp, 2012.

SCHWARCZ, Lilia M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Karoline dos Santos. **Lugares de memória negra e circuitos: possibilidades de análise do processo de patrimonialização na Pequena África-RJ.** In: ARAÚJO, Luis; BARROS, Teresa Guilhon; REIS, Desirree; SANTOS, Renato Emerson dos (orgs.). Territórios Negros: patrimônio e educação na Pequena África. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022. Disponível em: <https://territoriosnegros.com.br/e-book/>. Acesso em: 01 de julho. 2025

SISMMAC. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=556108660397834&set=pb.100079961153564.-2207520000&type=3>. Acesso em: 18 ago. 2025.

VELOSO, Verônica Gonçalves. **Percorrer a cidade a pé: ações teatrais e performativas no espaço urbano.** 2017. Tese (Doutorado em Artes cênicas) — Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo, 2017.